

## **O HOMEM DUPLICADO: UMA BUSCA PELA IDENTIDADE**

*Madalena Aparecida MACHADO\**

**Resumo:** *Este artigo se propõe interpretar o romance O homem duplicado tomando-o como paradigma do homem estampado na Literatura atual. Sentindo-se um erro, é na errância que o localizamos na tentativa de se conhecer. Fazemos uma leitura da narrativa de José Saramago procurando associar o aspecto existencial e o viés pós-moderno na obra, uma vez que esta ao contemplar o mundo contemporâneo, salienta a humanidade num tempo em processo, dimensionado pelo vazio.*

**Palavras-chave:** *Homem; Identidade; Vazio; Atualidade.*

Em *O homem duplicado* (2002) José Saramago narra a vida de Tertuliano Máximo Afonso, um professor de História. Sujeito comum, sem grandes expectativas, vive sozinho em seu apartamento; é pacífico, dócil e submisso. Entediado, um dia recebe do colega professor de Matemática, a sugestão de assistir a fita do filme Quem Porfia Mata a Caça. Neste, Tertuliano repara num personagem secundário que mais tarde descobre ser Daniel Santa-Clara, nome artístico do ator António Claro, uma cópia idêntica sua. O professor arma toda uma situação para encontrar o ator e comparar-se a este, conduzido pelo senso comum que no romance atua como personagem; Tertuliano se vê num impasse e se mostra o homem portador da dificuldade de se apropriar de si.

Nosso artigo pretende discutir as diferentes maneiras de apropriação da identidade pelo personagem principal que, neste caso, alterna entre a imagem conhecida e aquela porvir. A produção literária de José Saramago problematiza a subjetividade ou a subsistência dela, por isso ao pensar Tertuliano Máximo Afonso, o homem com nome e sobrenome, temos inicialmente a aparência de contornos nítidos. Fato logo superado porque o vemos imerso em uma angústia. Ele é voltado ao trabalho intelectual, tem vontade de mudar suas perspectivas, mas é barrado pela burocracia. Com a descoberta do filme se coloca em busca de algo que é maior do que o simples encontro com o ator Daniel Santa-Clara. Assimilamos que aquele homem é quem porfia, mesmo interiormente e, porfiar segundo o dicionário Aurélio é discutir com calor, altercar, insistir, disputar. Embora notando a abrangência destes verbos, no sentido do significado convocar um interlocutor, a seu modo, o duplicado deseja demarcar território. O ator, objeto de sua busca frenética, sucumbe ao final da história antes, porém, se

---

\* Doutora em Teoria Literária pela UFRJ, Professora de Literaturas de Língua Portuguesa vinculada ao Instituto de Linguagem da UNEMAT. E-mail: madaglae@yahoo.com.br

torna motivo desencadeador de reflexões acerca da vida, do papel desempenhado por cada um. O objetar de ambos, frente à primazia do outro, já que são iguais na aparência, leva-os a entrar no mundo das dúvidas, das imensas interrogações. Ao indagar sobre o maior enigma de suas vidas, os personagens compactuam com a porção ainda não desvendada da existência humana.

No início do romance parece-nos corriqueira e banal a vida do professor secundarista. Encontramos nessa primeira impressão elementos capazes de inúmeras assertivas, afinal, quem é Tertuliano, Daniel, António? Por que Tertuliano se transforma em Daniel e António em Tertuliano? O empenho em descobrir quem nasceu primeiro supera a busca de uma explicação científica para a situação. No intuito de se conhecer por meio daquele “eu misterioso, o Daniel também sem identidade real, juntamente com Tertuliano e António despertam a fim de um entendimento mais amplo de si mesmos. Iguais até nas marcas de nascença, os duplos e não gêmeos revelam-se unos quando querem conhecer um ao outro sem se denunciarem, motivo dos disfarces. Ao se esmerarem nessa intenção, deixam suas ocupações anteriores.

Há algo em comum entre eles? Quem é o homem duplicado? Em qual dos dois podemos dizer que haja uma subjetividade singularizante? No decorrer deste artigo, encaminhamos uma abordagem da Literatura de José Saramago com vistas à dimensão possível do sujeito individual que perdeu terreno num tempo marcado pela ausência do sentimento e dominado por uma espécie de euforia por saber de si, uma vez desintegrada a subjetividade.

Para chegarmos às considerações sobre a narrativa contemporânea, especificamente acerca da identidade, temos em princípio que foi Homero o primeiro a modelar uma imagem do humano quando nos dá um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado conforme ensina Werner Jaeger (2003, p. 63). Também não esqueçamos a influência homérica em termos de suas ressonâncias filosóficas. A identidade então é de contornos nítidos, porque o homem lutador assume o destino heróico de um povo, há a pátria e a honra a defender. Destacado de uma coletividade, o homem e sua problemática interior caminham em direção a uma subjetividade numa permanente inquietude. Não se enxergando numa lógica aplicada ao entendimento da vida, desintegra-se enquanto unidade e função, o que nos leva ao pensamento condizente à Pós-modernidade. Aqui o sujeito cuja identidade se busca perdura na ambivalência de duplicidade, o que impede a confirmação da subjetividade como sujeito falado coerente e não contraditório. Por isso, o romance pós-moderno ao concentrar-se na busca pela identidade o faz deteriorando a noção de sujeito coerente e contínuo. Isto é tão flagrante na ficção de Saramago que eclode na narrativa ao ponto do homem se multiplicar.

Ao assistir Quem Porfia Mata a Caça, o herói duplicado se impressiona com a visão semelhante do ator, isto o assombra porque na verdade existe um prenúncio de diversidade da vida, da qual ele fugira. Preso entre maneiras

distintas de ser humano e viver a vida, o protagonista se debate com questões tais como: Quem é esse homem do filme? Qual o seu nome? Como ninguém reparou em tal semelhança? O professor então decide sobre a necessidade de encontrá-lo apesar do perigo que isso representa. Ele está localizado num mundo fragmentado, episódico e hostil, por isso tenta escolher embora saiba dos limites, dos recursos escassos à mão. Na empreitada, vem uma sensação de vazio crescente até sacudi-lo com a revelação da existência de um homem visto como seu vivo retrato, a perturbação é inevitável. Fisicamente vê a possibilidade do ser humano repetir-se. Mas, a idéia de duplicação faz Tertuliano se espantar, logo ele que se enxerga como um erro. O quebra-cabeça emoldurado pelo curso da vida que se tem eu mesmo perfaz a insegurança existencial, nisso há um desmoroamento físico e moral, os problemas se aglomeram e o mais contundente é se responder: que é ser um erro? Aos poucos compreende que as escolhas à vista também significam a probabilidade de uma permanente ansiedade de estar errando. *O homem duplicado* ao apresentar algumas das perplexidades do mundo contemporâneo, prioriza a aflição do homem atual não somente quanto às questões materiais, acima disso o se sentir no limbo e aborrecido com tudo.

A Literatura marcada pela presença do homem cujas vozes variadas aí se instalam, fala de um indivíduo que perdeu o sustentáculo, adequado à angústia da incerteza. Esse dado extrapola a compreensão do romance um tanto reduzida de Sandra Ferreira (2007, p. 03) para quem o livro ecoa as antigas oposições binárias: original e cópia; amor e ódio; eu e outro; vida e morte. O escritor no conjunto de sua obra vê no homem, a possibilidade de se encontrar, provocar mudanças. A narrativa ao fazer referência a questões como à individualidade, acirrada na Pós-modernidade (período histórico específico) já se caracteriza como uma questão por si só filosófica. A problemática de se situar na vida é algo passível de extremos, inclusive de fazê-lo disfarçar-se no ator em quem se vê reproduzido. Por isso, perfaz uma ameaça por ser um “eu bem definido na tela. Diferença explícita embora escamoteada. O comportamento e a solução são outros, o indivíduo atuando no mundo em mutação é outro que não assimilou o mesmo enquanto sujeito. Dentro de si há ebulição porque sentido e significado passam a ser referências absurdas e por vezes inexpressivas.

O professor de História antes submisso e amigável se transforma em outra pessoa. Quer se conhecer. Esta é uma mudança observada pelo narrador quando defende: o homem “não havia mudado (SARAMAGO, 2002, p. 43), é o mesmo de todos os tempos no sentido de se lançar ao desconhecido. O diferencial na narrativa contemporânea, esse algo que não muda está na vida pessoal do protagonista de *O homem duplicado*, feito uma interrogação. Instaurada a crise da representação, o agravante é o desnoroteio que o atinge na disjunção entre o seu corpo e o do outro num ambiente que já não é tão particular quanto imaginava. Na concepção da gente de seu convívio, o professor transmite uma imagem de serenidade, longe, portanto daquele turbilhão que o

atormenta. Pois bem, sabemos de sua intimidade, a esta altura estraçalhada pela aparência dividida com outro. Entretanto, não é possível dizer que podemos dotar o sujeito individual de um sentido assegurado de seu lugar no mundo, uma vez que a distância existencial entre eles é quase imperceptível, tal a semelhança.

O dissenso que o protagonista representa dimana a afirmação da subjetividade descentrada a que o Pós-modernismo problematiza. Tertuliano quer se sustentar enquanto não equivalência, ao mesmo tempo tenta recuperar a capacidade de agir e lutar em prol de seu objetivo. Embora isto fique mais no nível da discussão entre ele e a voz desconhecida, a estranha presença que o acompanha em momentos críticos, assim como a conversação com o senso comum. O que acaba num arremedo porque em cada máscara se descobre o sujeito provisório e plural.

Diante dessa vida que não se explica, o homem está sempre imbuído mais de perguntas do que respostas. Característica intensificada no tempo repleto de contradições no qual se insere a escrita de Saramago. Ao tratar a pessoa, homem ou mulher em sua obra, muitas vezes o vê despedaçado no interior, cheio de solidão, desamparo e timidez. Como na constatação do narrador: “Há coisas que nunca se poderão explicar por palavras (SARAMAGO, 2002, p. 60) sendo assim, resta viver aquilo que elas não abarcam, como o faz o protagonista do romance ao lidar com a euforia e as intensidades de uma experiência sem par. Há na consciência arguta deste ser fictício, o valor e significado a serem respeitados no que concerne à diferença e alteridade característicos do Pós-modernismo. De certa forma, o comportamento pacato e submisso do protagonista é interpelado como sujeição à condição de trabalhador ordeiro, dócil e cidadão obediente, atingido pela duplicação.

O personagem principal em dobro se move entre a pouca confiança em si mesmo e a volubilidade dos sentimentos. Se não temos heroísmo a discutir, tampouco podemos cogitar de seus aparecimentos públicos como desvendamento da representação pessoal. Divorciado por causa de um contínuo definhamento do casamento, vive num retraimento suscetível de se envolver nas questões do “eu”. Mas porque não o faz, ou faz de forma inseqüente? Ou ainda, porque adia tanto? A fachada de civilidade que o afasta dos outros e ainda mais de si mesmo, gera uma opressão crescente à medida que parece inadiável voltar-se aos interesses da personalidade. No ensimesmamento em que está mergulhado, o ato de assistir o filme Quem Porfia Mata a Caça, ao invés de retirá-lo deste estado, provocará a sensação de divisão, perda de algo que nunca foi seu. A instabilidade, o paradoxo nos gestos empreendidos na procura do ator, faz o professor um homem do mundo pós-moderno dado à ruptura, deslocamento e descontinuidade ao movimento mais da mente que do corpo portador de subjetividade delirante, ele é o sujeito desunificado no que há de horror nisso, também descentra o que vive, ama ou vilipendia.

Descobrir a intimidade incrustada em outro homem, pode representar uma auto-libertação? As indagações suscitadas pelo desempenho do

personagem principal de *O homem duplicado* nos conduzem a ver esta criatura como viva e expressiva, inclusive pelo fato de que a cultura pós-moderna atesta um esmaecimento do afeto. Ansiar pela individualidade fora dele, uma vez que experimenta o desaparecimento de si enquanto sujeito individual; propor-se o enigma e estendê-lo ao outro e com isso iniciar uma reviravolta no “eu”, são incumbências auto-impostas pelos seres ambientados nesse romance.

Cabe neste momento perguntar com Tertuliano: que fará “depois de saber que esse homem entrou em quinze ou vinte filmes, (...)” “Conhecê-lo (SARAMAGO, 2002, p. 75) é a resposta que vemos enquanto atitude. Conhecimento sinônimo de trabalho, cogitações a respeito de um “eu” estranho ou de indícios de alguém que se vê, mas se retira de cena. Ao tratarmos do desnudamento interior de Daniel Santa-Clara, inferimos daí a ação direcionada ao mesmo Tertuliano. Este assume pela primeira vez correr riscos, por isso o tratamos enquanto ser humano apto a sentir com a percepção da personalidade. Ora, muitas vezes nos deparamos com esse personagem se vendo incapaz de produzir representações de sua própria experiência: como corpo pós-moderno duplicado no labirinto da cidade onde vive, interminável nas imagens repetidas.

É de consenso nos textos teóricos apontar o sujeito pós-moderno eivado pelo provisório, variável e problemático não possuindo uma configuração fixa, essencial ou permanente. Entretanto, isto não é suficiente para a compreensão do *homo fictus*. Nosso esforço inquiridor ao estudarmos as vicissitudes do protagonista da narrativa cujo homem encontra-se duplicado é apreender que isso ocorre em relação direta com o senso comum. O mundo mais humano em que a cultura assume a forma de uma segunda natureza faz do Pós-moderno a busca por rupturas, eventos ao invés de novos mundos. Por esta consideração, vemos que o protagonista pode ser visto na disjunção entre o corpo e o ambiente de tal forma que a distância, abolida, provoca o inebriamento na jornada existencial desse sujeito. O tempo vivido pelo homem na literatura do século XXI enquanto lhe proporciona liberdade, traz a impotência para usufruí-la, tamanha sua falta de localização, não em termos geográficos, mas de se situar numa escala social e espacial passíveis da individuação que o sujeito pós-moderno se ressentente, conforme defende Fredric Jameson (2004, p. 79).

O conhecimento haurido deste terreno escorregadio que é o “eu” desestabilizado já se anuncia por alguns títulos dos filmes objeto da pesquisa do professor tais como: *Um Homem Como Qualquer Outro*, *Diz-me Quem és*. A igualdade da espécie vista não com o olhar científico, caso contrário seria um tratado comprometido com alguma verdade; mas a narrativa literária ao expor a vontade do homem em se conhecer, abre-se inclusive ao acolhimento da ignorância de seu destino, (em várias passagens do texto, os personagens perguntam-se o que irá acontecer depois) da inconclusividade de opiniões, temperamentos, etc. Ressaltando que tanto recolhimento/transformação, ciúme, ódio ou vingança em determinadas ocasiões, reforçam o elemento humano apreciado pela literatura, elemento este que se destaca porque deslegitima a noção de ordem.

Entender e exprimir o mundo literário habitado pelo ente fictício é, sobretudo, observá-lo na ânsia de se ver enquanto uno num mundo contrário a esta idéia. Como se fosse duas faces da mesma moeda, os personagens apresentam emoções plurais como a covardia de Tertuliano ou a vingança de António em tudo reveladoras da humanidade presente na Literatura de José Saramago. Não nos cabe aquilatar quanto há de emancipação na experiência ou na falta dela referente aos protagonistas de *O homem duplicado*, porém, aprender quanto às imagens podem ser reveladoras. Entregues a si mesmos, os homens literários adquirem a consciência de que isto não é o bastante.

As imagens do homem em frente a uma porta fechada bem como daquele que se olha no espelho e não mais se envaidece a ponto de se inebriar com a própria visão, pelo contrário, desvia o olhar por ser insuportável, são ingredientes da Literatura envolta nos domínios da criatura ficcional. Fato motivador de interesse por causa do silêncio sobre a vastidão aberta ao imaginário. Seria a dissolução do “eu um aforisma a combater? Ele é a causa da duplicação do homem? A expressão artística típica da Literatura observa os personagens na peculiaridade de inserção no mundo. Na ocorrência narrativa vem o sentimento mais aguçado como em: “(...) isto que agora estou a sentir poderia não ser mais que uma memória de mim mesmo histericamente activada. (SARAMAGO, 2002, p. 82), efetivamente não é? Se resgatarmos as palavras do narrador acerca do homem não ter mudado, veremos tratar-se de uma vivência repetida enquanto busca, contudo, se diferencia pela recusa das afinidades entre os personagens. Neste caso, os iguais se expõem.

O que seria manifestação natural passa ser uma repetição indesejável, porque é “como se a chocante conformidade de um tivesse roubado alguma coisa à identidade própria do outro (SARAMAGO, 2002, p. 217). É exatamente este alguma coisa, o objeto de nosso escrutínio interpretativo. A duplicação que se discute no livro ultrapassa dados meramente físicos. Tertuliano e António não admitem assumir uma função imitativa e assim proclamam suas defesas com uma tese que não se articula. Justamente porque no fundo, acreditam que o importante é a diferença deles. Vale salientar que após se conhecerem, não há abertura a uma relação harmoniosa, nem se vêem como se fossem acessório um do outro. O saber narrativo se dá de maneira a que a argumentação suscitada pelos personagens não se baseia na administração de provas e sim de vivências separadas. Especulemos.

Verdade, mentira, preciso ou relativo são pontos indicadores do “apodrecimento das pessoas, segundo o professor de História para quem o convívio é um empecilho para o homem se inteirar de si passamos então a questionar o que seria essencial ou provisório *ad hominem* nas concepções mutáveis do sujeito, encontradas na figura de Tertuliano. Como lhe atribuir um sentido? Se não há mais ordem a estabelecer qual lugar podemos lhe assegurar? Pelo fato de se colocar em questionamento e de um possível sentido de si, faz do homem duplicado o sujeito humano cuja identificação se desloca à medida

que se vê desvinculado da idéia de um modelo a seguir. Sozinho, vigilante, ele é alguém impactado pela necessidade de reinvenção das diferenças.

O sujeito atravessado por muitos saberes, de quem a natureza universal vai além da identificação dos processos psíquicos, está ciente de falar muito quando se cala. Embora não haja a compreensão extensiva sobre. Para quem interpreta, o silêncio dos personagens torna-se um elemento a mais de inquirimento; dentro do abismo, entrar reticências afora é um recurso do qual não podemos nos abster. Entendendo estar bem próxima a meta a atingir pelos seres de papel, eles sentem sobre si um gesto indagador, são vítimas de isolamento. É preciso ressaltar o distanciamento da interpretação em relação à experiência dos personagens, restrita ao silêncio deles. Enquanto os homens na narrativa se debatem por entender-se nas lacunas da fala, também sofrem uma sensação de vigilância como aquela presença misteriosa perturbando Tertuliano em várias passagens do romance.

É indiscutível tratar-se de um conflito interior extravasado na semelhança externa de dois seres na extensão do problema existencial. A audácia desse romance reside não só no testemunho da experiência, mas age por si só, com leis próprias abertas às verdades; aparências desmentidas são em princípio o *leitmotiv* do livro em que o homem à sua revelia foi duplicado. Portanto, na complexidade se instala o reconhecimento dos personagens cujo consenso de vida não ocorre. Como ser, fazer diferença se impõe como tarefa inadiável. Da duplicação até os momentos finais do romance, o personagem no ineditismo de si se pergunta: o que fazer de mim?

Encontramos no romance em estudo, Tertuliano Máximo Afonso na posição de pensador em sua nova fase de vida: “de dorso curvado, cotovelos assentes nos joelhos e cabeça entre as mãos, (...) (SARAMAGO, 2002, p. 116), o motivo da alta concentração é a existência em borbulhas fazendo-o pesar “alternativas, medindo opções, estimando variantes, antecipando lances, como um mestre de xadrez (SARAMAGO, 2002, p. 116). Entretanto, o que importa não é a solução possivelmente resultante de tal atitude e sim o ato de meditar nelas, imiscuir-se no problema. Entendemos que ao comportar-se dessa maneira, o personagem implica uma forma cadenciada de lidar com a desumanidade crescente, múltiplice, ele perde a coerência fazendo-se a ressonância dupla.

O “eu” cujas dimensões secretas ignora e quer se encontrar no outro, deseja construir a subjetividade nas lembranças do presente. O professor ao alterar razões com o ator não ocasiona uma fuga de si mesmo, mas a tentativa de viver pela primeira vez a verdade que nunca teve oportunidade de ensinar; o ator de representar. A oposição neste contexto refere-se à subjetividade pautada pelo continuísmo.

Assim, temos novamente Tertuliano no dilema de ligar ao ator Daniel, reconhece o absurdo disso que ele mesmo criou, para o quê nem ao menos fora desafiado se encontra “posto entre a espada e a parede, (...) (SARAMAGO, 2002, p. 133) bem como entre o elementar e a confecção da vida entendida

sob a perspectiva por se fazer. Enquanto tratada como o silêncio a ser assimilado, resta-nos lê-lo ultrapassando qualquer espécie de escolha, tal o impasse do personagem sem destino. A existência dos duplicados ao experimentar a fragmentação do sentido não quer dizer opção ou o desenhar de si num futuro imediato, mas fugir da determinação. A grandeza anunciada pelo nome de Máximo, também a nitidez de Santa-Clara e Claro destoam da significação em nada imediata. Embora a vida dos dois tenha relação direta com o oposto de seus nomes, a clareza total não se apresenta nem a tomamos como causa final de nossa interpretação. O eu se destaca no romance por se mostrar incapaz de re-adaptar tensões antes neutralizadas; é preciso ainda ressaltar o abrasivo da irresolução quanto à individualidade.

Prosseguir nos meandros da identidade do homem partido exige que esqueçamos a estrutura binária de pensar o sujeito. Mesmo se de início trabalharmos com esse referencial, prepondera a ameaça à ordem, a probabilidade de se atingir a distância que separa o hermetismo do homem por trás da aparente igualdade. A incongruência observada no caso do duplicado é um índice de entendimento. A resultante é o dissenso que se nota inclusive pela liberação do pensamento concentrado numa determinada conclusão. Nisso, o provisório e o plural do sujeito pós-moderno põe em xeque princípios de como representar ou se fazer representar perante o universo da diferença e a alteridade das quais é parte.

Em *O homem duplicado*, o professor e o ator se recusam, eles são a mesma face do homem sabedor de portar uma vida substituta, dissimulada, por isso evitam o quanto podem a aproximação porque ela acarreta a antítese que preferiam evitar. Isto está dentro dos pressupostos da Pós-modernidade quando, imaginar um “eu desreferenciado é situá-lo num mundo onde a integridade ficou restrita ao passado. E, se o passado é desconhecido pelos homens em construção na narrativa, a forma de humanidade reivindicada por eles, passa pelo aumento das tendências aflitivas encontradas ao começarem a atentar para o que realmente interessa em relação à vida. Passam a se conscientizarem que não são nem podem ser mais sujeitos autônomos cujos egos se volatilizam.

A pluralidade temida pelo homem no romance pode ser aclarada junto à Pós-modernidade que a admite e encoraja. Arquitetar um plano para conhecer o outro, se ver igual a ele no aspecto exterior depois não tolerá-lo; parece ser o oposto do que vínhamos defendendo. No entanto, isto se explica se no conjunto do romance percebermos que no acidente fatal do ator não houve interferência do professor. Sabemos que isto ainda não convence a favor da pluralidade. Mas, quando Tertuliano assume a vida de António embora não o faça de forma definitiva traz em si um vácuo. Para Carolina e Helena ele continua sendo quem é, para si continua um desconhecido. Em consequência disto, se vê obrigado a descobrir outra vida para si, também confusa? Inadequada? Diante do telefonema com a voz misteriosa se dizendo muito parecido com ele, volta ao final da narrativa ao primeiro passo a dar: decidir-se. Nesse ponto assinalamos



a pluralidade, o diverso que se anuncia sempre que o homem quer solapá-lo. Ele entrou num “caminho que deixara de ter princípio, (...) (SARAMAGO, 2002, p. 290). Assim tematizado, o homem do meio se dá à interpretação problematizando-se. Ato contínuo, o duplicado estraçalha a distinção entre exterior e interior, não planifica fazendo-se invólucro e envolvido enquanto sugestão.

Máximo Afonso admite para a mãe “que estar na frente de um estranho nunca visto antes e por um instante sentir-se a duvidar de quem era um e de quem era o outro, (...) (SARAMAGO, 2002, p. 257) causa espanto, principalmente desorientação. A confusão desse encontro serviu a ele como ponto de partida para insurgir no papel de desconhecido. António serviu na mesma medida com a conseqüência de que usa da semelhança de seu outro “eu a fim de se vingar daquela presença na imaginação da esposa, Helena. Como Tertuliano protesta, ele conclui: “tarde demais, você destapou a caixa de Pandora (2002, p. 275) contendo toda a probabilidade dessa presença ser o mal em si a ser combatido, deste modo resulta num conhecimento irrefreável. Seria também intocável? O que nos permite dizer sem margem de dúvida se tratar da reinvenção da individualidade a que se lançam os personagens. Como o Pós-modernismo, os homens da ficção não são a explicação visada e sim o que tem que ser explicado.

O homem que é matéria do livro de Saramago alterna a imagem íntegra com a exposição de sua natureza diversificada. Em razão disto, o narrador passa a focar um rosto reconhecível que acumula dúvidas, começa a avaliar e colocar questões. A sensibilidade esquecida ganha espaço na vida do sujeito anteriormente esquivo a identificar sabedoria nas emoções, é suscetível em acreditar que ela não está em si, mas além, reconhece ser preciso ir ao seu encaixe. Processo indiscutivelmente sofrido porque exige renúncia, sobretudo admitir a ignorância a combater: “o que mais se teme é ser homem. (SARAMAGO, 1996, p. 255), fazer-se sujeito individual num mundo multidimensional da realidade radicalmente descontínua.

O contexto nos leva a acreditar não haver exagero, nem algo de inumano no acontecimento do duplicado no livro, primordial mesmo é a vivência de um “eu de duas caras, ocupando-se de si. Quando António reconhece que ele e Tertuliano são “iguaizinhos em tudo (SARAMAGO, 2002, p. 276) toma a iniciativa de vingar aquela humanidade indiscreta. Comunica-lhe a intenção de passar a noite com Maria da Paz; motivo de um protesto inicial logo abafado pelo artista impondo sua força: “você não é homem para mim. (SARAMAGO, 2002, p. 277). Resta a Máximo um olhar de ressentimento, argumento inexpressivo abrindo diatribes mudas concernentes a uma resignação de quem não pode escolher entre o ardil e a coragem. Ele é a imagem da Pós-modernidade enquanto lugar onde encontra-se a oportunidade e o perigo. Apelar para o silêncio seria a resposta? Simular concordância? Até que ponto podemos entender os habitantes do mundo narrativo pintados à luz de um esboço do homem atual? Sem medida, vistos em estado nascente, é como se o narrador

colocasse os personagens à margem de uma vida nova ou mesmo correspondesse a uma tentativa diferenciada de viver que implique o abandono da idéia de obrigatoriedade em se fazer uma escolha, independente de qual seja.

O homem duplicado na diversidade do modo de estar no mundo não se vê um acúmulo em relação ao seu possível substituto na vida. Sem referências, o mascaramento que esconde o que vai por dentro do personagem, antecipa o que a fachada externa apenas encaminha. O duplicado de Saramago está distante da sobriedade, não apela para o absoluto quando encurralado pelo dilema. É vítima e algoz. Desconfia não do que sabe, mas do que não sabe e a simplicidade de antes é substituída por uma preocupação em dobro acerca de um “eu sem perspectiva, enredado pelas circunstâncias. Admite o jogo da existência, mostra-se confuso ao fazer opções, quando ocorrem. O existente nesse personagem se dá de outra maneira: na curva, na esquina; enche-se de angústia, alimentado pela intranqüilidade. Assoberbado não com os deveres escolares por corrigir, porém com a vida instando-o a passá-la a limpo transforma-se na justificativa última de seu figurar no mundo.

Como o narrador faz questão de reforçar, o professor Tertuliano não pode ser visto enquanto representação da espécie humana, mas uma parte dela no que tem de despreparo, falta de talento. Desnorteado pelo absurdo em que está atolado fica inerte na hora que deveria se posicionar. Os erros lhe atormentam e ao invés de sugerirem o interesse ao desenlace, colocam-no: “olhando sem ver, corrigiu o que estava certo e pôs uma mentira no lugar de uma verdade inesperada. (SARAMAGO, 2002, p. 38). Ou coloca como verdade a mentira, por exemplo, a vida regrada de todo dia alterada pela notícia da duplicação. Em outros termos, é “obrigado a aceitar a inconstância das pessoas. Agora mais atento às sutilezas e complexidades no seu entorno.

O enredo do livro de José Saramago é eivado pela intensidade sem precedentes dos protagonistas que recai na busca por uma “(...) procedência, o original que procura imitar. (SARLO, 2004, p. 25). Cambaleantes, em ritmos dissolutos, Tertuliano e António entram numa disputa cujo vencedor pode ser o derrotado, o que faz o narrador pensar acerca do que valem as vitórias. Isto equivale a assegurar terreno onde os fragmentos da subjetividade possam ser a base do indivíduo. Relações difusas marcam a vida dos dois, postados no limiar da instabilidade forjam comportamento insuspeito ao bom senso. A existência dos gêmeos enviesados no romance faz vir à tona o mundo da Pós-modernidade com seus estilos e padrões de vida que se aglutinam nas diferenças. A região fronteira (o desejo à particularidade) desses homens preocupados provoca-lhe a atitude de querer saber o sentido ignorado de si, do mundo.

Num tempo em que o homem não suporta a própria dimensão e se enxerga produção em série com relação à incompreensão; a réplica da imagem se torna uma questão de tamanha importância que o personagem enquanto simulacro de si irradia a perfeição discutível. Com o problema posto, a narrativa

contemporânea discute as coisas humanas em primeira ordem, pois já não são possíveis de se ignorar. Temos o narrador detido na ocupação dos protagonistas: um a ensinar a História dos homens e outro a viver a vida de outros homens na arte da representação, com tudo de contentamento ou não nas respectivas atividades. Em contrapartida, tais afazeres não nos relatam quem é o homem que pesquisamos. Ainda outra vez a temporariedade denuncia a marca da vida desses personagens.

A vida do homem, gênero universal, do povo, comum ou mesmo brilhante em seus achados, inclusive pela total ignorância da íntima relação entre a consciência manifesta ou não, como notamos em *O homem duplicado* é a matéria-prima trabalhada pelo narrador. Há o risco assumido pelo leitor sem pré-requisito de interpretação estabelecido, a não ser entender que a vida dos personagens vem de um movimento irregular, de formas múltiplas, porque os homens embora de aspecto igual, não são a mesma pessoa. Em si, as questões da vida cotidiana ficam sujeitas à acomodação desconfortável, o homem tampouco está satisfeito. Transforma-se numa natureza introspecta, num eu de dois corpos, dois problemas e um silêncio agora estarrecedor. A sabedoria pulula desse contexto e não dos livros de História que o professor ensina, sequer está presente nos roteiros de filmes feitos pelo ator, espalha-se no perambular em dissimetria de ambos. Então, ficamos a nos questionar como algum sentido de identidade pode ser moldado e sustentado num mundo assim especificado?

Como assegurar sentido no homem atravessado pelas dúvidas? É cabível propor alternativas no instante em que a duplicidade amarfanha os espíritos? Lançar um olhar cuja consciência é de uma experiência confusa, faz surgir muitas interrogações numa humanidade situada onde a margem é difícil precisar. A indefinição e imanência típicos do homem que transita no universo pós-moderno visto como uma espécie de mudança literária sugere um tipo diferente de acomodação; porque conhecer sua vida, receios, sensações é assunto misterioso, por vezes complexo e é justamente isto a grandeza da narrativa: a imprecisão no que tange ao entendimento mútuo dos personagens. Há satisfação fugidia (retorno da vontade?) por se alcançar determinado objetivo traçado em curto prazo, como o diálogo com o outro “eu” de Tertuliano. Conversa a qual ele “sabia que ganhara, mas também se apercebia de que havia na vitória uma parte de ilusão, (...)” (SARAMAGO, 2002, p. 126) antevendo adversário mais forte, à semelhança da tática exclusiva de quem perde estrategicamente. O que não deixa de ser uma mudança no modo de olhar/interpretar o humano cogitada pela pós-modernidade.

A imagem exata do protagonista do romance que não se mostra tal qual é, tem a conseqüência da desintegração da forma impassível dele se relacionar num ambiente à primeira vista circunscrito ao mundo familiar ou do trabalho. Mas, se ampliarmos o horizonte e o colocarmos em contato direto com sua outra versão projetada na tela, veremos o quanto se instala o mal-estar nesse personagem. A melancolia subjacente ao dualismo exclui qualquer

forma de supremacia vista em cada passo dos personagens, verificamos por seu turno, o anúncio de algo capaz de nos fornecer elementos de compreensão no trato com o homem deste livro. Entretanto, é o impalpável que nos chega cada vez com mais intensidade: seja a ilusão da vitória, seja o reconhecimento daquele que melhor empreende a busca; ele aparece de forma ainda mais reiterada para traçar os contornos humanos (delineáveis?) desses habitantes da narrativa portuguesa.

O temor de Carolina Máximo sobre o despertar do filho às questões da existência, funciona como alerta a que Tertuliano pressente. Entretanto, a uniformidade interposta é preciso ressaltar que a identidade não sendo mais possível delimitar entra no processo de mistura, hibridismo sem o qual não podemos falar desse homem duplicado da figura de Daniel oblitera as intenções de mãe e filho. O lar materno, o refúgio daquilo que o deixa abatido é uma parada com tempo determinado, alheamento contrário à ação humana visualizada em sua conduta. Como a questão dual é fundamental para situarmos o homem nesse tempo em andamento, a volta do protagonista à metrópole, culmina com a idéia segundo a qual, a possibilidade de haver algo em comum na história de vida dos homens em dispersão é apenas um capítulo num roteiro sem final escrito. Atrai o movimento previsto, quase o controle do vídeo, também a quebra das regras do jogo (entenda-se, identidade) se jogo houver, que o estimula ou o incapacita enquanto pessoa.

Muitas são as imagens encontradas pelo professor a título de comparação para a história que vive e sem querer protagoniza. Uma delas chama atenção pela riqueza de significados: retirada da história natural, nas palavras do narrador: “o fez olhar-se a si mesmo como uma crisálida em estado de recolhimento profundo e em secreto processo de transformação (SARAMAGO, 2002, p. 142). O insólito em que o personagem havia se convertido já era a metamorfose com ou sem sua permissão. O fechamento, como o da flor, indica o nascimento que pode não acontecer e se o for, não de maneira previsível, esperada, com formas diferenciadas. Por isso incomoda, trata-se de pessoas, ou melhor, *personas* narrativas prestes a se descobrirem com tudo de inapreensível que isto possa trazer. Nesta perspectiva, não há como alegar despreparo; falta de intimidade com as palavras; gestos mínimos são lições retiradas de um hermetismo potencializado, porque a vida está ampliada no romance *O homem duplicado*.

Igualdade simbólica? Exterior que não denuncia mais o interior? Fato é o romance dispor de consciências intranquias, não sendo uma narrativa psicológica. Tertuliano que é António por sua vez é Daniel e de novo António confuso com Tertuliano, que se torna por pouco tempo António e logo em seguida não sabe quem será, formam um conjunto com capacidade de um ou ambos se perguntarem o que fazer da vida. Há alguma medida sobre suas verdades? Em que ponto enunciar uma diferenciação cada vez mais distante? E a igualdade onde? Estamos diante da exposição, da ridicularização, crítica à supervalorização que a aparência tem nos tempos pós-modernos.

Semelhanças de superfície caso retiremos as camadas protetoras (leia-se a barba e o bigode trocados pelos personagens quando querem parecer-se), teremos aquilo em que se disfarçam. Num olhar mais atento: seria o imensurável nada que os afugenta? Da mesma forma em que não podemos restringir a presença de Tertuliano à totalidade da imagem veiculada por António, a inovação do que eles representam é outra face da parcialidade com que querem ser conhecidos; longe da idéia de cópia, cada um à sua maneira pretende o domínio que sua imagem deflagra.

Ser repetido com pequenas variações é motivo para Tertuliano Máximo Afonso duvidar de quem era quem num espelho em prospecção. O trabalho fica desinteressante, o convívio com as pessoas enfadonho quando o inimigo, se assim for, tem seu rosto. O bem estar anterior, multiplicado ao contrário resulta numa vida cujo descortinar figura o indefinível do romance, a cota de reserva na qual transita Daniel Santa-Clara. Este, o tipo original de Máximo que ele não deseja ver e, no entanto, o procura, precisa daquela ilusão, como se a presença do outro fornecesse a matéria de complacência existencial do professor. É inevitável atribuir ao ator dos filmes a liberdade não desfrutada pelo duplicado, desde a carreira promissora até o casamento estável daquele, enquanto Tertuliano é fraco e só.

Homens elevados à potência de ruína iminente, António e Tertuliano não habitam no mundo das explicações, ao contrário, estão na ausência delas. A distância a ser vencida não é a de um futuro bem elaborado, porém o de intermináveis escaramuças móveis. Ser duplicado é ser vazio; é estar de prontidão para o que há em si de amorfo; abrir-se ao vácuo invasivo, destruidor. É nesta perspectiva que os homens do romance se localizam, visando não ser cópia, nem espelho ambulante. Os trinta e um minutos que separam pelo nascimento o professor de História e o ator de cinema apresentam o pensamento vago e indelével de que haja um tempo de “identidade pessoal, absoluta e exclusiva (SARAMAGO, 2002, p. 221). Em última instância, eles compreendem que isso é possível, mas não é certo. A morte em pauta poderia atender aquele desejo em comum de um não ser o duplicado e o outro não precisar repartir a própria imagem.

Zygmunt Bauman em *O mal-estar da pós-modernidade* (1998) nos amplia a compreensão dessa época ou estilo que encontramos no texto de José Saramago, embora saibamos das repetidas recusas do romancista em identificar a sua narrativa de pós-moderna. *O homem duplicado* atinge aquele estágio no qual a liberdade do indivíduo em ser aquilo que pensava é questionada. O universo humano deste romance, sendo riquíssimo de questões, é também o espaço para os personagens repensarem

sobre seus fundamentos e razões, ressaltar[em] as discrepâncias, expor[em] a sua arbitrariedade. É por isso que a chegada de um estranho tem o impacto de um terremoto (...) o estranho despedaça a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária. (BAUMAN, 1998, p. 19)

Acontece que o estranho neste caso é reconhecível, tem o mesmo aspecto, corpo, trejeitos, sinais. Contudo, é distante estando junto daquele que se julgava ímpar. O intrigante na proposição do teórico correlacionada ao romance cuja interpretação nos empenhamos, é saber ou mesmo arriscar sentidos do que venha a ser os alicerces e razões do homem duplicado. Quais as implicações disto nas suas tomadas de decisão? Quem é estranho para quem na ambiência narrativa? Porque a semelhança arranha a transparência?

O professor Tertuliano independente de ser o duplicado e o ator, António, são homens cujo projeto de vida não conhecemos após saberem de sua nova condição existencial. A identidade individual é objeto de intensa incerteza. Não digo aquela expressa no documento que Daniel obriga Tertuliano a lhe ceder junto aos demais objetos pessoais, a fim de dar cabo de seus propósitos escusos, mas o resultado do aparecimento de um na vida do outro. Isto resulta no abalo da interioridade satisfeita do passado. Neste sentido, é bastante salutar o episódio no qual o duplicado se envolve logo após certificar-se de que o ator barbudo era ele com outra natureza. Travestido em Daniel, não foi suficiente olhar-se ao espelho, era preciso uma prova contemplativa que ao mesmo tempo pudesse lhe dizer: “este sou eu (SARAMAGO, 2002, p. 165), com a porção de peculiaridade, a consciência plenamente distinta de si. Entretanto, o impacto do instantâneo, da meia dúzia de retratos confirmando ali outra pessoa, provocou a firme decisão de queimá-los. Há nisso clara ressonância de que o ser humano estampado no papel e o da vida nas telas, ocupar-se-ão do tempo íntimo feito com os mistérios da existência.

O caráter inconclusivo do homem no livro em que se duplicou, resvala na falta de contentamento, nesse algo a mais que não se alcança. A responsabilidade por uma identidade, nas palavras de Bauman (1998, p. 114) é o eixo da estratégia de vida pós-moderna na qual não se pode detê-la mas evitar que se fixe. Daí a sensação em foco ao longo do romance de que a imagem específica do homem se parece a um jogo de pingue-pongue. Obsessões à parte, assim como essa responsabilidade muda de acordo com as angústias da hora, as fronteiras rígidas que os personagens adotavam em se tratando de saberem de si, arruinaram-se porque as verdades são outras e eles, cheios de hesitações, avançam ao encontro do princípio de humanidade.

Não sabemos exatamente onde as ações se passam, o tempo é estratégico e há um esforço concentrado do narrador em incorporar o não-representável, no caso a duplicação. Ela é causa de sofrimento por se tratar de um mundo humano cujas proporções significam elaborações perenes. Tomando-se como erro já apontado páginas atrás, o homem duplicado mais cômico da variação de vida a que está sujeito, entende o erro como laço capaz de prendê-lo ao original. Apesar de estar contrariado, é inevitável ao seu contexto atrelar-se ao querer de outra pessoa cujo cuidado com a vida ele ignorava. Não há projeto de vida individual já que a identidade está à deriva.

Seguindo a linha de raciocínio que adotamos, apostar na desigualdade daqueles homens é ir além do previsto; estão vivos em busca de uma sabedoria

anterior a eles; homens amiudados numa precisão milimétrica em homens destituídos de sentido, a exatidão é, sobretudo invasiva. *O homem duplicado* mostra um procedimento, quer expor a indiferença pela vida de nada e em nada resultante. Uma vez surpreendido, o homem tem nos instantâneos a negação da identidade, além do mais eles evocam, solicitam significado. Entre perdas e sofrimentos podemos falar de recomeço? Do quê? De quem? Mergulhados na escuridão, os personagens dessa ficção fazem ver o avesso da individualidade que no estágio alcançado pode responder o que é o Homem.

A estátua em movimento, a transformação em vista embaralha o que parecia compreensível: “agora que se via convertido à situação de outro de Tertuliano Máximo Afonso, mais não lhe restava que tornar-se António Claro que o mesmo António Claro abandonara (SARAMAGO, 2002, p. 283). Neste trecho observamos o contágio da necessidade da busca de si ecoando a harmonia perdida que o duplicado difunde. Sairia incólume do disfarce? Ver o mundo novo com os olhos do outro, encontrar tonalidades impensáveis acabaria com uma provável admiração. Os trinta e oito anos que os dividiram, formaram por outro lado o espelho, próximo ao insipiente em mostrar aquilo que intencionavam. Desferido o golpe da divisão, António-Tertuliano ou vice-versa, expressam uma verdade sem objetivo; perfeição em debate porque nunca testemunharam alguma coisa desse teor. O único não pode ser apontado: é de incompletude que falamos; do tempo congelado, do homem fracionado. O futuro eles não discutem tal a urgência do presente sem respostas, apenas com a certeza da dor e do medo. Porta entreaberta para que possamos prosseguir nossa interpretação, impõe-se a imagem do homem que se arrasta curvo e encarquilhado pela novidade por demais conhecida, ao resumir-se numa sentença a ser montada.

Tertuliano regressa ao trabalho certo de que deveria ensinar História de maneira invertida. Esta ação marca de forma incisiva a interferência do personagem no lado concreto da vida. Também não deixa de ser a recusa em compartilhar no engajamento absoluto que seus colegas de magistério representam. Tal inversão o mestre de História visualiza em relação à vida das pessoas numa clara alusão ao desconhecimento de si e do outro que ele só viu “como aquilo que não é (SARAMAGO, 2002, p. 196). Se, à primeira vista, António encara a situação de modo a tirar algum proveito (fazer de Tertuliano dublê nos filmes) ele igualmente recai no silêncio exigido pelo problema, cunhado pelo narrador de “fenômeno da natureza (SARAMAGO, 2002, p. 191). Não podemos insistir na acentuação de particularismos subordinados ao diferente porque é o igual que toma conta da narrativa, sendo, entretanto, uma igualdade esquisita, de pontas irregulares. O que entendemos como o diferente que a Pós-modernidade apanha enquanto atributo necessitando de proteção e cultivo. Podemos sim, afirmar com convicção que os episódios separam os protagonistas. Tertuliano ao contrário de António, em princípio não quis se aproveitar do fato de se parecerem, teve apenas receio por si e da perda de privacidade, caso o assunto vazasse para terceiros.

A literatura abre-se para universos distintos que se juntam, se cruzam na excepcionalidade da duplicação do homem. As fotografias dão testemunho da “variedade onde antes havia experiências não compartilhadas, com o encontro, os personagens vistos como configuração do humano: “são o que somos, mas de maneira mais tensa, mais precisa, mais nítida e também mais ambígua (SARLO, 2004, p. 126). A experiência humana exibida dessa forma faz a narrativa percorrer caminhos impensáveis para quem não internalizou os procedimentos pós-modernos, ou seja, que a escrita da prosa pode tratar de uma sabedoria perceptível assim como daquilo que talvez nunca saberemos. Tudo em nome de uma humanidade cada vez mais atenta e presente no mundo literário. Não se justifica tratar de vínculos entre os personagens neste texto porque eles estão rarefeitos, tampouco aventar modos de comportamento capazes de identificar um padrão humano universal. O cenário pós-moderno se nos afigura sob o preço da renúncia a “indicar as novas trilhas para o mundo como postula Zygmunt Bauman (1998, p. 129).

A produção literária de José Saramago fala de um homem que faz o percurso inverso da caverna. Cá fora, na claridade, as coisas e as pessoas não são tão nítidas quanto levavam a crer. Em consequência, o homem do presente duplicado investe na escuridão da interioridade escancarada na sombra permanente à sua frente. Não basta ao professor rever-se no ato de transmitir conhecimento aos alunos, experimenta ao invés disso uma forma tergiversada de verdade que lhe extingue o senso de propriedade. Antônio e Tertuliano ao descortinarem-se, perdem a espontaneidade por meio da pergunta comum a ambos: como prosseguir? O presente deles está a reivindicar lugar no mundo que é incerto e difuso. Querem sôfrego resultante dessa situação provoca “a instabilidade da identidade da própria pessoa e a ausência de pontos de referência duradouros, fidedignos e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e segura (BAUMAN, 1998, p. 155). No duplicado existe uma insatisfação no ar comumente associada à frustração: ser obrigado a ceder terreno. Ele e o outro, cada um a seu modo empenham-se na localização de um “eu diluído. Borboleta no casulo, professor e ator querem as intermitências de dentro, não são mais os mesmos.

Os efeitos de Quem Porfia Mata a Caça foram além da mera assistência, provocaram as sutilezas e matizes de quem porfia por si mesmo, inutilizado para as ilusões. Chamariz, o filme trouxe consigo as luzes do holofote de quem era o coadjuvante; nisto, realça a procura feita de espera no compasso da existência interferida. A pausa prepara o “ser como uma pedra que onde a largam fica, (...) (SARAMAGO, 2002, p. 151) para em seguida ser sacudido com a virulência da duplicação. Este “algo não realmente vivido (SARAMAGO, 2002, p. 157), faz aquela parte de si ausente, faz o homem pensar em alívio enquanto teme a decepção, pesados e medidos conforme os embates.

José Saramago como profissional literário toca fundo nas questões típicas do mundo pós-moderno. São os mal-estares e aflições humanas sem explicação nem significados correntes. A ficção, base de nosso estudo ao



projetar a nova desordem do mundo não vai ao encontro de uma configuração inédita, quer isso sim, postar-se nos meandros da frágil austeridade humana. Perpassa em *O homem duplicado* a consciência de que a existência é demais; é excessiva porque pouco compreensível. Todavia, há liberdade de ir e vir, motivos e carências atestados à custa da falta de segurança em se expor. Habitantes na incongruência das seqüências, os entes de ficção transitam durante as arbitrariedades de suas vidas. A literatura por eles formada, conjugada, dispensa os prazeres arranjados; as rimas fáceis e prioriza por sua vez, o desconhecido duplicado. Este, pode não chegar ao encontro da verdade sobre si, entretanto, o fato de se lançar ao seu encaixe dá legitimidade à faceta humana que os personagens apresentam.

Distante dos outros e atarantado consigo, Tertuliano Máximo Afonso sob pressão, corrige os erros dos alunos encontrando nisso uma provável emenda na mentira que vive. Trocá-la por verdade ou vice-versa no convívio com as pessoas pressupõe assumir a culpa, a direção e isto, já vimos, não é característica deste personagem. Estranhezas à parte, a manifestação do mundo normal do professor está em polvorosa. A intervenção nas reuniões com a iterativa proposta de alterar o enfoque temporal nas aulas de História; o ato de esquivar ao contato com Maria da Paz e mais especificamente daquele olhar esgazeado num momento chave do romance para o colega dos números, contam de um homem em plena vivência de “um outro primeiro dia, um outro começo, (SARAMAGO, 2002, p. 32-33) com tudo que há de intransponível no transcurso. Aquilatar essa experiência inspira desconfiança; não é o caso de perseguir o silêncio com as palavras, mas da perseguição do mesmo, por conseguinte temos a impressão de já antevermos o resultado dessa história em reprise. Por outro lado, a importância do pluralismo focado em *O homem duplicado* avança na reflexão a respeito da autoconsciência enquanto insegurança. Como não podia deixar de ser, a narrativa apresenta por meio desse dilaceramento, o eu cortado em dois na imersão de um pensamento.

Tal Literatura aplica-se na luta do sujeito em subsistir enquanto aprende continuamente a se posicionar diante da vida, aqui podemos falar de igualdade em termos positivos. Porém, o que importa em se tratando do duplicado é qual posição tomar? Assumir qual horizonte? Ser reconhecido sob qual prerrogativa? Quem é dono da própria imagem? Horizontalidade dispersa, Tertuliano acreditamos, numa parcela maior que António tem à sua frente um chão de versatilidade (no sentido primeiro de inconstância) pelo que demonstrou até se ver duplicado. Não havia prodigalizado a personalidade; não argumentava com o fito de arrebanhar autoridade. Identificado como duplo, fica ainda mais sem iniciativa: externar os sentimentos, agir em qualquer circunstância, poderia demonstrar o fato de estar, ser similar a António. Seria o caso dele nunca ter tido iniciativa? Foi do outro, ele apenas repetiu? Tertuliano se acha então no dilema de ter uma outra vida e também não conhecê-la. Posto como o eu diante do eu, esse homem sutaliza, irrompendo da igualdade a diferença por se fazer.

Na fratura do homem cujos fundamentos de valor estão comprometidos, há o que podemos chamar o fim da utopia de um absoluto. Duplicado, o homem tem como tarefa por si designada, encontrar, definir quais são esses valores de agora por diante. Esconder quando? Onde se mostrar? Com qual rosto? Pode-se ser alguém que nunca foi ao passo que sempre existiu? Tarefa não significa o homem tomar sobre si uma obrigação, é uma necessidade sentida, urgente, imprescindível para se sentir vivo além do rosto, corpo, palavras, gestos do outro. Da estupefação inicial à luta contra a indiferença, o personagem transita no espaço da interioridade entrelaçada ao ponto de expectativa.

O complicado caso dos dois homens iguais ou “a igualdade absoluta que os aproxima (SARAMAGO, 2002, p. 242), serve a um deles como chamado a sair do fingimento real em que vive. Qual dos dois vivia em plenitude? Eis a pergunta recorrente daqueles homens em estado de conflito. Isto os leva por vezes a desejarem livrar-se de si no outro, a fim de não se esquecerem de quem eram justamente porque já não tencionam ser esse “eu misturado. Ser igual, nesta situação é ser ninguém. A experiência vivida pelos personagens provoca olhares diferenciados, primeiro por meio da exterioridade evidente, depois por esquadrihar a profundidade, o impasse em que vivem.

A forma de tratamento dispensada tanto pelo professor quanto pelo ator requeria a contestação da subjetividade muda, indecisa parecendo flutuar num consumir de dias inúteis. Não podiam se ver como um retrato da própria vida como a percebiam, prevalece então a inconclusividade. Até a duplicação eram seguros de si, o presente, entretanto, não os deixa ilesos. Assim estão eles, convictos de que a fácil afirmação “este sou eu deveria ser substituída por “este quem é (SARAMAGO, 2002, p. 246) num derramamento de considerações e análises propícios a quem quer saber de si. A consequência desse processo é fazer o homem levantar-se para pelo menos tentar entender o abatimento no qual caíra.

O achado do professor de História acerca de viver com tempo emprestado o fez mergulhar no horror daquilo que sabia; ver-se espalhado naqueles inúmeros personagens de Daniel Santa-Clara tão obscuros quanto ele em seu anonimato depois concentrado na imagem conhecida/desconhecida de António Claro. Triunfar sobre o outro significava anular uma parte de si; por ímpeto, curiosidade, era necessário especular a respeito de alguém tão distante e ao mesmo tempo tão perto. Forçosamente também era preciso reconhecer o “eu multiforme e não querer sobressair numa aritmética na qual o homem é o fator decisivo; apesar da mesma quota de humanidade ser propensa a agir paradoxalmente.

Desse modo, resta ao homem duplicado suspeitar até das palavras que passam ao ato: por exemplo, no episódio quando finalmente decide dividir sua vida com Maria da Paz, saudoso “de alguma maneira é como se estivesse a despedir-se da sua vida anterior, da solidão, do sossego, do recolhimento da casa (...) (SARAMAGO, 2002, p. 273) interpretamos esta despedida com uma conotação ampla a qual atinge aquele passado em que havia algo seguro em relação a si, ao menos era assim a crença de Máximo.

A morte de Maria da Paz e António Claro lançou Tertuliano em um fosso de decisões inadiáveis: aceitar sua mediocridade perante a mãe; morar com Helena que vivia à base de comprimidos para escapar de si, atormentada por causa dele enquanto o desconhecido na pele do marido e a mais inadiável delas: resolver dar prosseguimento à vida de António e ser Tertuliano apenas para Carolina e a esposa do ator; tudo isto equivale a inventar um novo modo de ser. Conseqüentemente, estaria sujeito à terceira via, qual seja, o retorno do “eu que nunca foi, o nada que se revolta com a igualdade. A voz do outro lado da linha, anunciando-se igual, quer um encontro longe da civilização. Isso contribui para pensarmos no homem repetido em sua ânsia de conhecer a própria história, presente cuja Pós-modernidade expressa a ausência de um original. Acometido por essa urgência, o homem duplicado é alguém que está na discrepância de servir aos planos e desejos humanos de individualidade incontestes, querendo-a apesar disso, intensamente. Toda sua experiência mostrou que o conteúdo ensinado, por sua vez aprendido, se tornou subitamente defasado.

As certezas tão ansiadas pelos homens envolvidos no caso de duplicação se revelam difusas em concepções de vida que se querem unitárias. A visão de mundo encontrada na narrativa volta-se para o homem em busca perene de si. As voltas do texto literário apontam na direção de um começar de novo no qual é o homem o objeto da procura, ele é o ser circunscrito cuja legitimidade está em debate. O fundamental para os problemas da vida faz do duplicado um sujeito em extensão que se desvela e vela ao mesmo tempo. Isto acontece por não encontrar respostas na teia de existência onde o conhecimento claro e seguro já não é mais possível. Ficamos no entorno, na dependência diante do vasto campo de atuação do “eu duvidoso. Algo diametralmente oposto ao pensamento de Rita Ferreira para quem Tertuliano se torna herói de sua própria vida, assume a relação com a mulher e a vida do outro (SARAMAGO, 2004, p. 52). Além do realce de covardia sobre o personagem ao final da trama romanesca, ele apenas se deixa levar por Helena no caso da aliança colocada em seu dedo. Isso, no entanto, não significa aceitação tácita em detrimento da nova situação de entremeio, tão ressaltada a ponto da iminência se sobressair: o **quase** juntos, **quase** (grifo meu) abraçados dos personagens citados nas últimas páginas do livro, comprovam nossa tese.

Quando conhecemos a pessoa de Tertuliano Máximo Afonso, sabemos da condição de assujeitamento; da predisposição ao rebaixamento por se achar reduzido, indisposto para ser. Com António Claro, o ego composto de vaidade se balança no ritmo em que ele se transforma (tem consciência disso) num ponto dialético, no qual o seu posicionamento podia não prevalecer. Assim caracterizado, o homem duplicado se revolve em culpa e correção. Seria ingênuo classificar o romance como uma espécie de progressão da subjetividade, porque ela tanto avança quanto recua na diagramação de ambições descabidas; covardias inaceitáveis; sobretudo na angústia de viver de quem se inquieta por

ser pleno, necessário, insubstituível. Ampliado, o homem não ganha em estatura, se vê perdido, indiferente às coisas circundantes. A coexistência no corpo de outro desestrutura um interior cada vez mais suspenso. Essa trama urdida na ambigüidade aventa para o sentido de ser homem, o sentimento do duplo e, dividido, a tipificação do ser humano incorre em vê-lo rigorosamente pelo interior sempre renovado, questionado.

### **MACHADO, M. A. THE DUPLICATED MAN: A SEARCH FOR THE IDENTITY**

**Abstract:** *This article intends to interpret the novel "O homem duplicado taking him as the man s paradigm printed in the current Literature. Feeling a mistake, it is in the wandering that we located him in the attempt of knowing. We make a reading José Saramago narrative s trying to associate the existential aspect and the post-modern inclination in the work, once this when contemplating the contemporary world, points out the humanity in one time in process, dimensioned for the emptiness.*

**Key-words:** *Man; Identity; Empty; Present time.*

### **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERREIRA, Rita de Cássia Silva. *O homem duplicado: a subversão das identidades*. Rio de Janeiro, 2004. 97 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

FERREIRA, Sandra Aparecida. O original e a cópia (sobre *O homem duplicado* de José Saramago). In: XI ENCONTRO REGIONALABRALIC, São Paulo, 2007 (CD-ROM).

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2004.

SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. Rio de Janeiro: Record:Altaya, 1996.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.



## O ROMANCE REPUBLICANO: NATURALISMO E ALTERIDADE NO BRASIL 1880-90

Leonardo MENDES\*

**Resumo:** *As relações entre os romancistas brasileiros do final do século XIX e os ideais da abolição e da república são conhecidas, mas o tratamento ficcional dado a esses ideais e teorias no romance brasileiro da época ainda aguarda investigações. Trata-se de ler o romance de 1880/90 no Brasil como intervenções políticas que ao mesmo tempo constroem e revelam a história do desejo de um país republicano e livre e dos impasses e limites concretos que complicaram a realização desse desejo. Como instrumentos assumidos de intervenção no debate político, os romances dramatizam os excessos e as audácias mas também as frustrações e limitações ideológicas de tempos de transformação. O objetivo desse estudo é explorar essa hipótese em alguns romances da época A carne (1888), de Julio Ribeiro, O cortiço (1890), de Aluisio Azevedo, e A normalista (1893), Bom-Crioulo (1895) e Tentação (1897), de Adolfo Caminha que serão aqui renomeados “romances republicanos”.*

**Palavras-chave:** *Romance naturalista; República; Diversidade; Alteridade.*

1.

O romance naturalista brasileiro é confuso, estranho e contraditório (MENDES, 2006). É curioso que a crítica literária tenha se empenhado tanto (e durante tanto tempo) em descobrir suas certezas deterministas e afiliações filosóficas com teorias racistas importadas de uma Europa que, na segunda metade do século XIX, exultava na fé no progresso e na arrogância imperialista. Não se trata de dizer que o cientificismo frio e duro não estava lá, mas de se perguntar se havia algo mais ali. Não seriam o cientificismo e o determinismo um verniz que encobria outras configurações narrativas mais importantes? Quando se atenta para a cena política local que informava e impulsionava a ficção de escritores como Aluisio Azevedo (1857-1913) e Adolfo Caminha (1867-1897), para citar os dois que se aproximam de um estatuto canônico, nos deparamos com um tumulto político-institucional que no espaço de um ano e meio aboliu a servidão e fez a república. O romance naturalista brasileiro está intimamente ligado a esse desmonte confuso. Dele participou ativamente e

---

\* Professor de Literatura Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: leop@cruiser.com.br